

AS COMÉDIAS DE ANTÓNIO BOTTO



TERCEIRO VOLUME
DAS OBRAS COM
PLETAS DO AUTORE
PRIMEIRO DE TEATRO

EDIÇÕES ROMERO
L I S B O A

AS COMÉDIAS DE ANTÓNIO BOTTO

TERCEIRO VOLUME
DAS OBRAS COMPLETAS
E PRIMEIRO DE TEATRO

12.º MILHAR



EDIÇÕES ROMERO
LISBOA

FLOR DO MAL

*Comédia em três actos dada em lições
na Escola de Arte de Representar :
Conservatório Nacional de Lisboa.*

FIGURAS

SÍLVIA, HELENA, GUILHERMI-
NA, ADELINA, MARIA ANTÓNIA,
HENRIQUE DE ARAÚJO, RAÚL
DE MAGALHÃES, EDUARDO,
JOAQUIM, AFONSO, BERNARDO

ACTUALIDADE

ACTO PRIMEIRO

Interior pobre de uma casa em Alfama. Ao fundo uma janela com trepadeiras, fetos, e sardineiras em flor. Num canto uma cama de ferro coberta com uma colcha de ramagens. Noutro canto uma guitarra. Sobre o chão duas esteiras encardidas. A meio da casa uma pequena mesa com vários livros e entre eles uma jarra com orquídeas. Junto da janela uma velha máquina de costura e perto dessa um manequim de vêrga. Sobre a máquina vêem-se cortes de riscado e alguns bocados de pano cru. Fim de tarde.

HELENA — *(Perto da janela, falando para a rua)* Não há de quê, vizinha; até logo. *(Encaminhando-se para a máquina de costura)* Ai, que inferno de vida a minha! *(Pegando na costura)* E por mais que trabalhe não passo da pelintrice. *(Batem à porta)* Quem é? *(Indo para a porta)*

Deus me dê paciência! (*Abrindo a porta*) Ah, é a senhora Guilhermina! (*Beijam-se*) Está boazinha?

GUILHERMINA — (*Entrando*) Pouco boa, senhora Helena. (*Levando as mãos aos quadris*) Estas cruzes dão cabo de mim antes do tempo... Tenho andado mesmo derreada de todo; não faz idéia, um verdadeiro castigo.

HELENA — (*Dando-lhe uma cadeira*) Sente-se. Olhe, venha para aqui; nesta cadeirinha fica melhor.

GUILHERMINA — (*Sentando-se*) Eu não me demoro muito. E o seu Joaquim?

HELENA — Vamos andando, senhora Guilhermina, vamos andando.

GUILHERMINA — Então, fica de pé? (*Helena procura uma cadeira e vem sentar-se perto dela*) E a Sílvia, há tanto tempo que não a vejo; anda melhor, essa rabina?

HELENA — Cada vez pior.

GUILHERMINA — E eu não sei porquê, acho-a tão boazinha!

HELENA — Boazinha? A senhora sabe lá o que eu ali tenho. Com aquela cara de Nossa Senhora, faz-me de fel e vinagre; e agora então anda como nunca; não a posso aturar de maneira nenhuma: mentirosa, toleirona... Só fala em vestidos, em grandezas: dêem-lhe luxo. As meias, se tiverem um burquinho, já não as calça. As camisas são de palmo e só têm rendas e laços; eu até me envergonho de as estender lá fora; enxugo-as sempre aqui dentro. E o dinheirão que ela gasta em pomadas, livros, sabonetes, águas de cheiro! *(Levando as mãos à cabeça)* É uma coisa por demais! Eu até pasmo, creia senhora Guilhermina; eu até pasmo... Se a visse de manhã, quando se levanta, a senhora com certeza que fugia...

GUILHERMINA — Então?

HELENA — Tôda sarapintada das porcarias que põe na cara: parece uma bruxa.

GUILHERMINA — E ela não precisava de pôr essas coisas, porque é linda como um cravo.

HELENA — Mas escute: ela não era assim; tem-se feito. Antigamente ajudava-me muito: levantava-se cedo, acendia o lume, tratava do almoço, cosia, era outra... e gostava de sair só comigo. Agora?

Dizendo isto digo tudo: até já me ficou uma noite fora de casa.

GUILHERMINA — Isso é demais, realmente.

HELENA — E o que hei de eu fazer? Pô-la na rua? Sim, é o remédio que tem, não vejo outro.

GUILHERMINA — E o seu marido, o que diz êle?

HELENA — O padrasto? Não a pode ver, e tem carradas de razão. É uma atrevida. Olhe: ainda ontem lhe deu uma sova, que eu não sei como ela resistiu a tanta pancada. E porque foi? Depois de jantarmos — eu estava lá dentro limpando uns copos — acendeu um cigarro e pôs-se à janela de cigarro na bôca!

GUILHERMINA — Anjo da guarda, não me diga isso!

HELENA — ...De cigarro na bôca. E diz que se há-de ir embora, que não pode com esta vida, que tem desprêzo de ser minha filha, que sou estúpida... Não imagina: só visto. Contado parece mentira.

GUILHERMINA — (*Depois de abanar a cabeça, como pasmada*) E aonde está ela empregada?

HELENA — Numa Companhia de Seguros; mas eu não sei como a não têm já pôsto na rua. Vai quando quere; manda dizer que está doente e passa o dia a tocar guitarra, a borrar os olhos e os beiços, e a ler... tôda descompôsta, estendida sôbre a cama. *(Batem)* E se eu lhe digo alguma coisa, Virgem Santa!, descompõe-me, cai o Carmo e a Trindade.

GUILHERMINA — Estão a bater, senhora Helena.

HELENA — Aonde?

GUILHERMINA — Parece-me que foi na porta.

HELENA — *(Sem se levantar)* Quem é?

AFONSO — *(Abrindo a porta e metendo a cabeça)* Sou eu, vizinha; a Silvia já veio?

HELENA — *(Depois de fitar intencionalmente Guilhermina)* A Silvia não está, mas não deve tardar.

AFONSO — Então venho mais logo. Com licença. e desculpe, sim? *(Fecha a porta com alguma dificuldade)*.

GUILHERMINA — Quem era?

tando-a) E és a amante dêste canalha vilíssimo!
Confessa!

SÍLVIA — (*Lutando*) Eduardo, fuge!... (*Henrique, largando Silvia que receosa vai envolver-se nas dobras do brocado que divide a alcova, corre sobre o filho que saiu precipitadamente. Ouve-se um tiro e após um breve silêncio ruidos de choro convulso. Silvia, debruçada, põe-se a olhar para onde Eduardo entrara seguido por seu pai, dizendo ao mesmo tempo com acentuado relêvo irónico*) Coitados! (*Depois, sai, atravessando a sala, franzida num frémito de nojo e de desdém, e como que procurando em si um laivo de luz ou de firmeza!...*)

O PANO CAI

ÊSTE ESBÔÇO DE TEATRO FOI ESCRITO
EM FINS DE MIL E NOVECENTOS E DEZANOVE

ÊSTE LIVRO, TERCEIRO VOLUME DAS
OBRAS COMPLETAS DE ANTÓNIO BOTTO,
FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICI-
NAS DA GRÁFICA SANTELMO, RUA DE
BERNARDO, 84, LISBOA, DURANTE OS
MESES DE ABRIL E MAIO DE 1945.